

[CHAUVIN, Jean Pierre. A figuração do leitor em *Medianeiras*: poética do desencontro. In: DAVINO, Glaucia; BELLICIERI, Fernanda. *VI Seminário Histórias de Roteiristas: entre encanto e conhecimento*. São Paulo: Corpo Texto, 2016, pp. 49-55].

A figuração do leitor em *Medianeiras*: poética do desencontro

Jean Pierre Chauvin (USP)
tupiano@usp.br

“Super-homem deve optar entre dois males: deter o tornado que ameaça centrifugar uma cidade inteira ou impedir que um cego mendicante tropece e caia na sarjeta” (Alan Pauls).¹

Resumo: *Medianeiras* retrata a visão crítica de dois habitantes de Buenos Aires, acometidos por sérias dúvidas quanto à cidade, o apartamento onde moram e a possibilidade de reencontrar o amor. Apesar dos diálogos sensíveis e inteligentes, o filme retrata um ambiente em que não parece haver espaço para livros e leitores.

Palavras-Chave: *Medianeiras*, Cinema Argentino, Leitura.

Abstract: *Medianeiras* movie portrays a critical view of two Buenos Aires's inhabitants which are affected by serious doubts about their city, the apartment where they live and the possibility of finding love. Despite the sensitive and intelligent dialogues, the film depicts an environment on where is no space for books and readers.

Keywords: *Medianeiras*, Argentine Cinema, Lecture.

Recepção

É perfeitamente compreensível que o filme *Medianeras: Buenos Aires na Era do Amor Virtual* (2011)² tenha caído da melhor forma no gosto de diferentes públicos, por ocasião de seu lançamento. A história já havia conquistado diversos prêmios seis anos antes, quando Gustavo Taretto divulgara seu curta-

¹ *A história do pranto*, 2008, p. 7.

² Intitulado simplesmente *Medianeras*, na versão argentina.

metragem homônimo, com duração de pouco mais de 28 minutos.³

Combinando a temática do amor a discussões pertinentes sobre o espaço urbano de Buenos Aires, uma “cidade que dá as costas ao rio”, ambos os protagonistas (Martín e Mariana) padecem com a paisagem, questionam as respectivas condições de moradia e enfrentam os dias a driblar a melancolia, em meio a “edifícios que se sucedem sem nenhuma lógica, como nossas vidas”.

Sintoma de sua qualidade fílmica e relevância temática, em quatro anos o longa-metragem passou a integrar os acervos relacionados ao cinema das lojas de São Paulo, classificado como um título do chamado gênero *cult*, disponibilizado em diferentes suportes físicos (DVD e Blu-Ray).

Nesse caso, a disseminação em larga escala assegurou um lugar de destaque a essa comédia romântica, dirigida pelo experiente Gustavo Taretto e protagonizada pelo argentino Javier Drolas e a espanhola Pilar López de Ayala: dois jovens e talentosos atores.

À época de seu lançamento na versão estendida, em junho de 2011, diversas sinopses e resenhas se sucederam, favorecidas pelos mecanismos do mundo ciber. No Brasil não foi diferente: numerosos comentários chegavam ao público, por meio de matérias, entrevistas e vídeos promocionais, em que diretor e atores eram ouvidos.

Dentre os artigos divulgados em jornais brasileiros, deve-se mencionar aquele de Neusa Barbosa (julho de 2011), do *site UOL Cinema*, em que ela reproduziu breves comentários, do ator que interpreta Martín, a respeito das similaridades entre Buenos Aires e São Paulo, ambas percebidas como cidades “melancólicas”.

A opinião de Javier Drolas leva-nos a retomar as palavras iniciais com que sua personagem descreve a capital argentina, tendo em vista as efetivas similaridades – tanto do ponto de vista urbanístico, quanto sobre a vida isolada que os paulistanos levamos, dissolvidos em meio à massa de indivíduos apressados, ciosos por imitar a arquitetura, a moda, o cinema e a música de

³ Na versão em longa-metragem (2011), o filme dura uma hora e meia. O curta (2005) foi protagonizado por Moro Aghillieri e Javier Drolas.

outras megalópoles.

A jornalista Fabiana Seragusa (setembro de 2011) trouxe uma entrevista reveladora com Gustavo Taretto, na *Folha de S. Paulo*. Na opinião do diretor e roteirista argentino, *Medianeras* retrataria a “Solidão urbana. A solidão que sentimos quando estamos rodeados de desconhecidos. A das cidades em que as pessoas se sentem mais seguras entre quatro paredes. A solidão do *delivery*. A solidão da mensagem de texto e do *e-mail*”.

Em artigo publicado no Jornal *O Globo*, Gisele Teixeira fez comentários pertinentes em relação ao filme, com ênfase nos conflitos emocionais e na vida solitária que os protagonistas enfrentam (outubro de 2011). Àquela altura, o filme também rendeu um encontro entre o diretor e a filósofa brasileira Márcia Tiburi, durante evento organizado pela *2001 Vídeo* – conhecida e badalada locadora de filmes de São Paulo.

Roteiro

Em sua condução, *Medianeras* alterna cenas muito divertidas, especialmente aquelas em que Martín relata as questionáveis conquistas esportivas (nos jogos de videogame, é claro) que foi capaz de empreender sem deixar a *kitchenete*, ao abrigo das pessoas e das ruas. Tudo isso em constante companhia do tédio e da síndrome de pânico: dois sintomas nada desprezíveis que refletem sua dificuldade em fazer e manter contato com as pessoas, sem o amparo do apartamento onde mora ou o anteparo dos meios eletrônicos de comunicação.

Comparativamente, os episódios mais dramáticos e tensos são aqueles vivenciados por Mariana – a jovem que trabalha como vitrinista em lojas da cidade. Menos tímida e mais exposta ao turbilhão das ruas, que o seu vizinho Martín, ela protagoniza as cenas mais densas do filme: a fuga de um jantar em andamento; a conversa fiada de um homem que a aborda na piscina; a sensibilidade aflorada enquanto escuta o novo vizinho tocar piano.

No que diz respeito à estrutura e argumento do filme, estamos diante de

um curioso paradoxo: o enredo se articula justamente em torno dos desencontros (consigo mesmos, mas também coletivos) e das expectativas dos telespectadores a respeito do (futuro) casal.

Apesar de morarem bem perto – de uma medianeira a outra – e cruzarem seus caminhos em diversas ocasiões, Mariana e Martín só vão se reunir nos instantes finais do filme: ocasião em que ela enxergará nele (aquele sujeito de óculos, acompanhado do cão deixado pela ex-namorada, vestido com indumentária peculiar, à espera do semáforo passar do vermelho-interdição ao verde-esperança) o amor que ela procurava, sem sucesso, nos homens com que se relacionara.

Quando encontra o amor, a chance de felicidade transforma Mariana em uma mulher radiante. A seu ver, Martín (cujo nome ainda ignora) seria a versão portenha e não ficcional do personagem Wally – a célebre figura do livro de treinamento publicado pelo ilustrador britânico Martin Handford em 1987. Esse dado é particularmente relevante, mesmo porque Mariana não parece ser uma leitora contumaz de palavra impressa.

Note-se que as coincidências entre Martín (um *webdesigner* e autêntico *geek* que se protege do mundo em “quarenta e poucos metros quadrados”) e Wally (o personagem adulto escondido no livro, em tese voltado para crianças) ultrapassam o âmbito da ficção juvenil, ilustrada na forma de livro. Além de coincidirem na estereotipia física (uso de óculos, gorro e blusa listrada), ambos se irmanam na identidade: Martin, vale lembrar, é o primeiro nome do autor de *Onde está Wally?*.

Em termos mais amplos, o filme parece sugerir que a busca pelo amor envolve superar as frustrações afetivas e persistir em seu encaço, ainda que a passagem implacável do tempo e a incompatibilidade com determinadas pessoas tendam a nos desanimar e nos levem a supor que o problema maior esteja em nós.

Poderíamos afirmar que Martín se encaixa no tipo *nerd* (ou em sua variação *geek*, de acordo com as terminologias mais recentes): ele coleciona brinquedos, joga videogame e tira seu sustento profissional como *webdesigner*.

Por sua vez, Mariana divide os dias entre o tédio sem fim de seu pseudo duplex (“separado por cinco degraus”) com a rotina de vestir manequins e organizá-las em vitrines de lojas.

Como se vê, ambos tiram seu sustento da habilidade em cuidar e enfeitar a vida (*sites* e vitrines) dos outros, o que evidencia o fato de estarem habituados a lidar com elementos predominantemente estéticos. Não por acaso, o mundo virtual está nas mãos de um sujeito que sofre de pânico; já o mundo das ruas está sob a atenção de uma mulher que trabalha solitariamente nos bastidores de uma loja de roupas. Ambos se especializaram em dar trato profissional à fachada de seus clientes, em suma.

A notória dificuldade de relacionamento, demonstrada tanto por Martín quanto por Mariana, reflete-se em sua reduzida comunicação interpessoal e se confirma no emprego da linguagem virtual. Em uma cena mais ou menos localizada na metade do filme, eles trocam uma série de mensagens por intermédio de um programa de *chat*. Martín se autodenomina como um usuário “mega-avaiable”, num dos momentos altos, em humor e drama, do filme. Coerente com sua concepção, talvez mais infantil que a de Mariana, ele transmite seu número de telefone, sugerindo um pacto a ser cumprido em um horário pré-determinado.

Por sua vez, Mariana vivencia mais as ruas que o seu vizinho. O fato de decorar vitrines obriga-a a percorrer diversos bairros da cidade, alternando suas tarefas em postos de trabalho. A exemplo de Martín, ela é uma personagem decididamente ambígua, pois o fato de se mostrar fechada para balanço, em termos afetivos, não a impede de conhecer e se relacionar com algumas pessoas, como resultado de encontros espontâneos.

Mas, de maneira similar a Martín (que se envolve com uma mulher confusa que cuida de cachorros), o resultado de seus breves enlaces costuma ser frustrante, se não desastroso.

Por outro lado, há importantes diferenças em sua forma de viver. Se Martín passa a maior parte do tempo em sua *kitchenete*, escura e iluminada apenas pela tela de seu microcomputador, Mariana convive com alguma luz

que chega pelas espremidas janelas de seu apartamento: um lugar que beira o pessoal, praticamente sem quadros nas paredes, repleto de espaços vazios devido à pequena quantidade de móveis e demais objetos.

A personalidade de ambos parece adequar-se ao ambiente em que sobrevivem: de coloração melancólica e pouco favorável a receber visitas. Martín ocupou ao máximo seus quarenta e poucos metros (substituir a cadeira de trabalho é seu primeiro grande feito), que funcionam como seu refúgio. Mariana não investiu tudo o que poderia em seu pseudo “duplex”: lugar de intervalo. É que, para ambos, a vida em potencial está do lado de fora. Quando falta luz na quadra em que moram, ambos terão seu primeiro encontro, habilmente escondido pelo diretor, pois à luz de velas.

Dentre os objetos que manuseiam, Mariana possui uma xícara – com o seu nome gravado. Martín vive a refrear o desejo de abrir a embalagem de um boneco japonês. É emblemático que, em dado momento, ela despedace a louça, atirando-a na parede (Fragmentação de sua personalidade? Desejo de refazer a sua vida? Indignação com a existência que leva?). É relevante que Martín rompa a embalagem que o separa de seu brinquedo, justamente depois de abrir uma medianeira em sua apertada e lúgubre morada, a exemplo de sua vizinha.

A abertura de pequenas janelas nas paredes laterais – até certo ponto inúteis – dos prédios em que habitam (prática bastante comum em Buenos Aires, para além do roteiro de Taretto) revela não só a convergência de caminhos, mas em especial a necessidade de luz, arejamento, sol. Falta novidade, falta coragem. Muito mais importante que o emprego sob demanda e instável orçamento mensal, é o amor que trará as respostas, dará maior estabilidade e sentido à existência vazia.

Sob esse aspecto, a medianeira passa a ser mais que uma janela de onde se vê as coisas sob outra luz. Ela acumula, também, o papel de um portal em comunicação direta com a alma de ambos os protagonistas. Em entrevista concedida durante o Festival de Gramado, Javier Drolas observou que “as

personagens são obrigadas a sair, a encontrar-se com a vida” (TIEFENTHALER, 2011).

A seu turno, a atriz Pilar López de Ayala ressaltou, em certa ocasião, que o fato de a história se passar em Buenos Aires não implica que não pudesse acontecer em Madri ou em qualquer outra cidade do planeta, pois o filme envolve temáticas universais.

Livro

Martin e Mariana manifestam outro traço em comum: o hábito de não cultivarem a palavra impressa. Para alguém habituado a enxergar no objeto livro uma das formas mais imperiosas de se instruir ou divertir, a cena em que Mariana termina o relacionamento com seu ex-namorado pode soar estranha, especialmente em razão de seu posicionamento crítico perante o território em que vive.

Na cena, Mariana está na cozinha, observando o parceiro. Enquanto ela está em pé, preparando algo para comer, ele lê concentradamente um livro, devidamente acomodado em uma poltrona. Nesse momento, ela conclui que eles não tinham nada a ver.⁴

Eis um episódio que permitiria algum questionamento, tanto sobre *Medianeras*, quanto sobre a representação do livro em demais filmes, seriados e novelas em nosso tempo.

De fato, apesar de sua inegável preponderância cultural, o objeto livro não costuma protagonizar cenas de diversos títulos e suportes, afora quando cumpre o papel acessório de sintetizar determinado período histórico, como símbolo de determinada mentalidade ou hábito de outro tempo. É o que se vê, por exemplo, nos filmes baseados no romance epistolar e *Chordelos de Laclos* (*As ligações perigosas*) e no romance doméstico de Jane Austen (*Orgulho e preconceito*).

4 Fruto de uma provável ironia do diretor e roteirista Gustavo Taretto, quem interpreta o ex-namorado de Mariana é o talentoso romancista argentino Alan Pauls – autor do sensível livro *A história do pranto*, publicado no Brasil em 2008.

Somos tentados a perguntar: 1. Será possível que o fato de haver leitores (e não-leitores) em uma relação afetiva potencialize incompatibilidades e precipite o término de um relacionamento? 2. Por que razão o hábito de ler costuma ser representado, mormente em nossos dias, como algo que só fazemos por motivos puramente pragmáticos (consulta a manuais, dicionários, contratos e afins) ou acessórios (leitura contra o tédio ou como gesto paliativo, quando não há mais nada para fazer)?

Alguns responderão que isso se deve às aceleradas voltas do mundo pós-moderno, que nos distanciou das outras pessoas, blindou-nos emocionalmente e nos mostrou que a concepção utilitária do mundo impede que nutramos outros de outra sorte, especialmente aqueles que dizem respeito ao aprimoramento de nossas faculdades emocionais e mentais.

Outros poderão argumentar que o cinema apenas reproduz aquilo que a maior parte das pessoas vivencia. Ou seja, substituímos a leitura linear e constante pelo acesso a micro-textos (frequentemente lidos diagonalmente), vídeos, músicas convertidas para centenas de arquivos mp3 e intermináveis imagens divulgadas por milhares de conhecidos nas redes sociais. Muitos deles, incapaz(es) de dar a mínima atenção aos demais, mas sequiosos das máximas opiniões alheias – expressas sob a forma de validação virtual.

Para alguém acostumado a ler, e que acredita nas várias potencialidades (e algumas liberdades) propiciadas pelos livros – que estimula a memória, o conhecimento e a imaginação – o fato de ler não deveria constituir em diferença incontornável ou razão irreconciliável para o desentendimento entre uns e outros.

Sob a ótica de um professor que se defronta há muitos anos com a tarefa de despertar o gosto pela leitura em seus alunos, a questão é ainda mais delicada e, portanto, demanda contínua reflexão. Como negar a relevância do livro, como objeto cultural e veículo mediador das muitas formas de entretenimento e aprendizado?

Reflexão

É oportuno levar em conta as palavras de Gustavo Taretto a respeito de seu filme, diversas vezes premiado, nacional e internacionalmente: “*Medianeras* não é um filme trágico, porque é contado pelo lado do humor. O ponto de vista é de esperança, porque os personagens se negam a resignar-se ao mundo virtual” (Folha de S. Paulo, 2011).

Porventura haja uma saída positiva. Talvez o roteirista (que também dirigiu o filme) buscasse mostrar que a falta de contato com a música e a literatura sejam razões para o tédio, a melancolia e a solidão em que sobrevivem os personagens.

É sintomático que, além de não terem o hábito de ler, ambos costumem ouvir músicas estrangeiras, cantadas em Inglês. Podem ser detalhes de somenos importância, mas sugerem voltar ao filme ainda outra vez.

Medianeras também mostra o que acontece na existência miúda de muitos de nós, telespectadores. Sob esse aspecto, Buenos Aires pode representar qualquer cidade urbanizada e plena de indivíduos vazios de nosso planeta, tão só pragmático, padronizado culturalmente e mega individualista.

Sob uma aparente historietta de amor com final feliz, mal se escondem algumas das principais questões contemporâneas a que nem sempre prestamos a devida atenção – nem mesmo quando apresentadas a nós mesmos, na grande tela do cinema.

Talvez o maior achado de *Medianeras* seja favorecer a abordagem de questões aparentemente banais, comuns aos seres humanos em geral, de modo sublime e delicado. Sob esse aspecto, o filme ultrapassa em muito a categoria de programa de entretenimento, pois nos coloca diante de duas personagens cativantes que, a exemplo de nós, lutam por dar sentido à existência. Em meio ao asfalto, a despeito das relações fugazes e impessoais e apesar de si mesmos.

Bibliografia

BARBOSA, Neusa. *Ator de "Medianeras" acha São Paulo "melancólica, como Buenos Aires"*. [07.08.2011]. Disponível em: <http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2011/08/07/javier-drolas-ator-de-medianeras-acha-sao-paulo-mais-melancolica-como-buenos-aires.htm> – Acesso em 10 de outubro de 2015.

ENTREVISTA a Pilar López de Ayala: "Medianeras" (Casa America) [15.11.2011]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dmKpymf8BXY> – Acesso em 04.04.2016.

HANDFORD, Martin. *Onde está Wally?* Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1995.

MEDIANERAS [Argentina]. (Cortometraje). Direção e Roteito: Gustavo Toretto. Produção: Simón Franco, 2005. 28 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kDj9yoBJ0k8&ebc=ANyPxKo6xrleeAiDYH9I4tUQf6Yc_r_aiRe6aWTd0Ax6r8wWf7z6MmAlz-4x7wnVCwRU9zh1JKQ_e90Ix47o770vTqY2LABpmg – Acesso em 04.04.2016.

MEDIANERAS [Argentina]. Direção e Roteiro: Gustavo Taretto. Produção: Natacha Cervi; Hernán Musaluppi, 2011. DVD. 93 minutos.

PAULS, Alan. *A história do pranto*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SERAGUSA, Fabiana. *"Medianeras" mostra solidão do delivery e do SMS, diz diretor*. [12.09.2011]. Disponível em: <http://guia.folha.uol.com.br/cinema/973114-medianeras-mostra-solidao-do-delivery-e-do-sms-diz-diretor.shtml> – Acesso em 10 de outubro de 2015.

TARETTO, Gustavo; TIBURI, Márcia. Debate-papo' On/Off – Relacionamentos na Era Virtual, promovido pela 2001 Vídeo. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=u94e-7TKfjo&ebc=ANyPxKqt4OSgg1MW5RyHDF9casl2DEOoWO9abaxBd_jLDSwsiX8XpmmfnvuYgFy3jbPlw2s1Ggq6e6bSDjakQgt5GTwDIhUVvg – Acesso em 04.04.2016.

TEIXEIRA, Gisele. Medianeras: conflito e solidão [18.10.2011]. Disponível em: <http://noblato.oglobo.globo.com/cronicas/noticia/2011/10/medianeras-conflito-solidao-411830.html> – Acesso em 10 de outubro de 2015.

TIEFENTHALER, Paulo. *[Festival de Gramado] Entrevista com Javier Drolas, de Medianeras* [10.08.2011]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?>

v=W64KW8P9_yc – Acesso em 04.04.2016.